



SEGUINDO OS PASSOS DOS GRIOS

Caderno com orientações metodológicas



Luanda Martins Campos

Universidade Federal do Maranhão
Reitor Natalino Salgado

**Agencia de Inovação, Empreendedorismo, Pesquisa, Pós-Graduação e
Internacionalização**
Fernando Carvalho Silva

**Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação
Básica**

Prof^o Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes

Orientador da Pesquisa

Prof^o. Dr. Antonio de Assis Cruz Nunes

Organização

Prof^a. Mestranda Luanda Martins Campos

Imagem da capa

© 2020 Copyright Canva



Freepik.com

Antes de começarmos, vamos conhecer os personagens que nos acompanharão ao longo desta leitura.

Esta é Dandara. Ela recebeu este nome em homenagem à grande guerreira e líder do quilombo de Palmares no século XVII. Conhecer a história de Dandara é conhecer a resistência das mulheres brasileiras.



Fonte:
<https://arte.estadao.com.br/focas/capitu/materia/por-que-dandara-rainha-de-palmares-nao-e-anita-garibaldi>



Fonte:
<https://br.pinterest.com/pin/202028733258085328/>



Este é Madiba. Seu nome é inspirado nas lutas travadas por Nelson Mandela contra o Apartheid na África do Sul e sua incansável luta pela paz e justiça. Ouvir a história de Madiba é entender os propósitos da nossa luta.

Apresentação

O escritor africano Amadou Hampaté Bá (2010) afirma que a oralidade é a principal herança de conhecimento para se entender a história africana. É com esse pensamento que iniciamos nossos passos em torno da importância do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana para crianças através da oralidade.

Na contação de histórias ancestrais que envolvem a ludicidade, encontramos os(as) griôs, personagens africanos responsáveis por transmitir as histórias, contribuindo com o diálogo entre o passado e o presente das diversas culturas.

A prática do diálogo crítico e da interação colaborativa entre culturas no ambiente de aprendizagem, envolvendo aspectos familiares e comunitários, chamamos de **Interculturalidade**. Esta é a base metodológica para a Educação das Relações Étnico-Raciais na atualidade. A prática docente deve interagir com a instituição escolar, a comunidade e a família para que a construção dos significados culturais ou a ressignificação dos estereótipos seja feita em diálogo.

Este caderno de orientações metodológicas faz parte do Kit Pedagógico – Seguindo os passos dos griôs, produto da nossa pesquisa no Programa de Pós-Graduação em Gestão do Ensino da Educação Básica/UFMA. Tivemos a participação de professoras, gestor escolar e coordenadora pedagógica da UEB Tancredo Neves – ISEMA durante todo o ano de 2019 nos servindo de inspiração para a formulação deste produto.

Com este material, esperamos dialogar com você, professor(a), sobre: as lutas por reparações à população negra brasileira; a Lei 10.639/2003 e o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana para crianças; a contribuição da oralidade griô para a história e cultura afro-brasileira e africana; e a prática de planejamento com base na oralidade griô.

Esperamos que esta leitura possa contribuir com o uso da oralidade afro-brasileira e africana como instrumento metodológico para a implementação da Lei nº 10.639/03 no contexto escolarizado. Esperamos também que possa motivar professores(as) na busca pela sua própria ancestralidade.

Aproveite!

Sumário

1 Caminhos por reparações ao povo negro brasileiro 05

2 A Lei 10-639/2003 no ambiente escolar 09

3 Conhecendo os(as) griôs 12

4 Sequências didáticas 18

4.1 A princesa - Um conto Ashanti 21

4.2 De onde vim, Abayomi? 25

4.3 Lila e o segredo da chuva - Conto sobre o Quênia 31

Referências 37





Fonte: kone kassoum.
<https://pixabay.com/pt/photos/crian%C3%A7a-africana-crian%C3%A7a-negra-2578556/>

1

Caminhos por reparações ao povo negro brasileiro

1 Caminhos por reparações ao povo negro brasileiro

As ações reivindicatórias do povo negro são frutos de organização social. O movimento negro é considerado a organização social mais antiga do Brasil, existente desde o período escravista e composto por entidades e grupos na sua diversidade negra de luta. A educação sempre foi ponto de destaque na luta por compreendê-la como elemento de ascensão social e resgate da história afro-brasileira e africana.

A Lei Federal nº 10.639 de 9 de janeiro de 2003 altera a Lei nº 9.394/1996 determinando a obrigatoriedade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana no currículo oficial, além de inserir no calendário escolar o Dia Nacional da Consciência Negra em 20 de novembro (BRASIL, 2003).

Esta conquista é histórica e grandiosa a toda população brasileira devido ser fruto de lutas travadas ao longo do processo de democratização e redemocratização do Brasil. Para compreender este panorama, é necessário tecermos uma breve trilha histórica percorrida por reparações ao povo negro, colocando o acesso à escolarização como sustentáculo das disputas políticas e econômicas.

Inicialmente, é necessário que você compreenda a importância das políticas por reparações. Vejamos a trilha das principais ações negativas que segregaram a população negra de seus direitos, determinando a exigência histórica por reparações:

Séc. XIV

Bula Papal *Dum Diversas* emitida pelo Papa Nicolau V em 16 de junho de 1452. Com esta permissão, Portugal sequestrou e escravizou povos africanos, iniciando o período escravocrata no Brasil.

Séc. XVII

Oficializou o comércio de seres humanos e se intensificou o tráfico de pessoas negras para o Brasil Colônia. Cerca de 4 milhões de africanos foram sequestrados entre os anos de 1550 e 1855. Contudo, também há registros de fugas, rebeliões e fundações de quilombos.

Séc. XIX
(1854 a 1878)

Decreto nº 1.331/1854 proibia a presença de escravizados na escola pública, limitando a instrução de libertos(as) a disponibilidade de professores(as).

Decreto Nº 7.031/1878 aceitava a instrução de pessoas negras adultas somente no turno noturno, dependendo da disponibilidade de professores(as), salas e meios para este fim, o que nem sempre ocorria.

Mesmo assim, já ocorriam algumas práticas de instrução “clandestinas” ou organizadas por meio das irmandades negras.

Séc. XIX
(1888 a 1900)

Lei Áurea (Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888) extinguiu a escravidão. Sem debates e incursões, sem cláusulas para indenização ou reparação à população negra, demonstrou a urgência para revigorar acordos comerciais e finalmente inserir o Brasil na era moderna do trabalho assalariado. Todavia, este imediatismo causou a marginalização da população negra, além da isenção de culpa do Estado, dos traficantes e compradores de pessoas.

Contudo, este processo de segregação e escravização não se deu de forma passiva. No Brasil, entre fugas e rebeliões, a população negra escravizada e organizada com abolicionistas conseguiu travar a crise econômica entre o Brasil e suas relações internacionais.

Vamos acompanhar algumas ações afirmativas organizadas e conquistadas a partir das lutas da população negra no Brasil:

Séc. XIX **As Ações afirmativas** no Brasil podem ser registradas desde o período dos movimentos abolicionistas no século XIX que denunciavam os maus tratos da escravidão e exigiam reparações ao povo recém-liberto pela Lei Áurea. A Imprensa Negra surge como importante canal de comunicação que denunciava as humilhantes condições de trabalho em relação aos brancos italianos.

Organizações negras (1930 a 1990)

Séc. XX
1931 Frente Negra Brasileira
1943 União dos Homens de Cor (UHC)
1944 Teatro Experimental do Negro (TEN)
1978 Movimento Negro Unificado (MNU)
Década de 1990 Centro de Cultura Negra do Maranhão e Movimento de Hip Hop

Leis favoráveis à reparação ao povo negro (1950 a 1990)

Séc. XX
1951 Lei Afonso Arinos. Caracterizou a discriminação racial como contravenção penal
1961 LDB 4.024/61. Trouxe como finalidade o respeito à dignidade e liberdades fundamentais e a condenação de qualquer tratamento desigual, além de rechaçar preconceito de classe ou de raça. Todavia, o debate ficou secundarizado nesta e nas Legislações seguintes
1983 Projeto de Lei Nº 1.332 de Abdias do Nascimento que previa ações compensatórias de caráter educativo.
1988 Constituição Federal. A prática do racismo passou a ser definida como crime inafiançável e imprescritível
1990 LDB 9.394 em 1996. Foram operacionalizadas algumas ações afirmativas compensatórias no campo da educação

Séc. XXI
Lei nº 10.639/2003 altera a Lei 9.394/1996 trazendo a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.

Para Candau (2000), a educação é uma prática social que articula a ação educativa e as políticas educacionais de equidade de direitos. Deve questionar o etnocentrismo e fazer do currículo um instrumento de superação dos conceitos discriminatórios.

Diante das reivindicações históricas do movimento negro e o disposto na Lei nº 10.639/2003, bem como todos os dispositivos legais a favor de reparações à população negra, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana foram instituídas pela Resolução Nº 01 de 17 de junho de 2004.

De acordo com a Resolução Nº 01, de 17 de junho de 2004, os conteúdos referentes à africanidades e ao povo afrodescendente são distorcidos ou esquecidos pelas discussões históricas, linguísticas, culturais e científicas no currículo escolar (BRASIL, 2004).

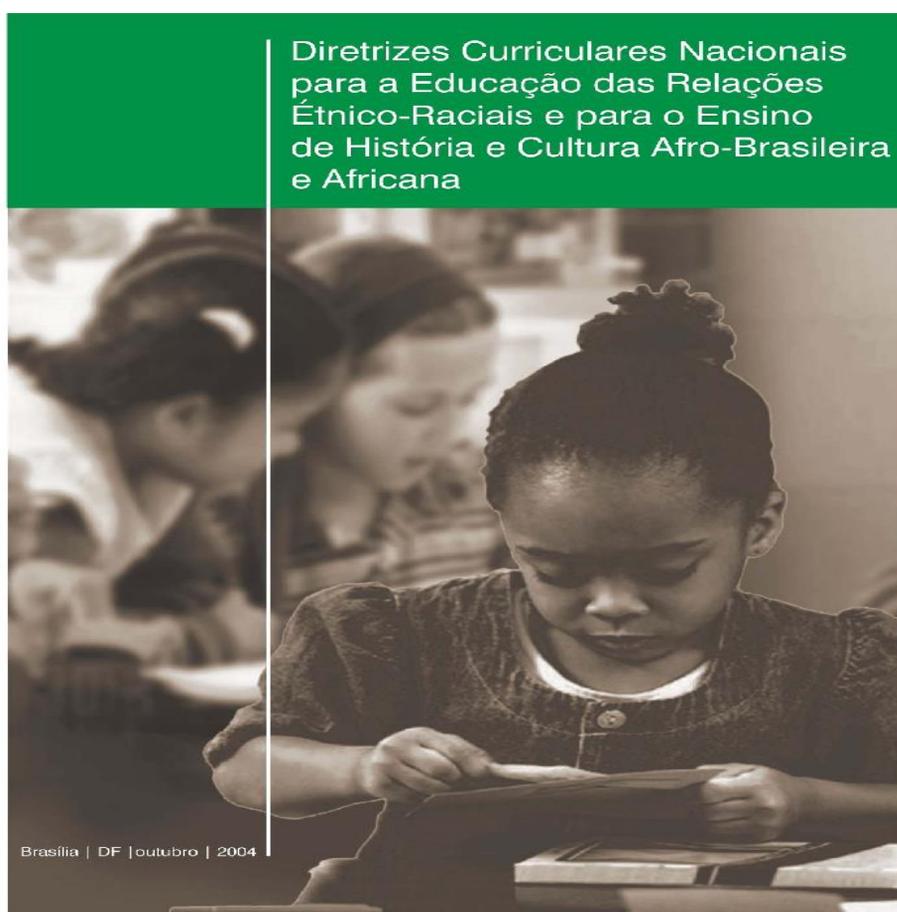


Figura 01: Capa das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana
Fonte: INEP. http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/488171

Por isso, a necessidade de valorização da identidade, história e cultura dos(as) afro-brasileiros(as), além de instituir a formação continuada de professores(as) no âmbito das instituições.





Fonte: kone kassoum.
<https://pixabay.com/pt/fotos/crian%C3%A7a-africana-crian%C3%A7a-negra-2578562>

2

A Lei 10.639/2003 no ambiente escolar

2 A Lei 10.639/2003 no ambiente escolar

O professor Kabengele Munanga, organizador do livro *Superando o racismo na escola*, afirma que: “a formação de professores que não tiveram em sua base de formação a história da África, a cultura do negro no Brasil e a própria história do negro de um modo geral se constitui no problema crucial” (2005, p. 63). Tal problema está relacionado à dificuldade de compreender e ressignificar conceitos, dificultando ou distorcendo os objetivos das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

Estas Diretrizes determinam, como providências para os sistemas e instituições de ensino, a articulação com movimentos sociais e organismos de pesquisa da temática, visando o apoio sistemático aos(as) professores(as) em sua formação inicial e continuada em torno dos conteúdos orientados pelo documento, bem como a socialização de experiências educativas e materiais didáticos na perspectiva da aplicabilidade da Lei nº 10.639/2003.

O Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana é uma decisão política que interfere diretamente na formação docente. Deste modo, define a valorização da história e cultura afro-brasileira e africana como política de reparação histórica aos danos causados à sua identidade original pelo processo de escravização e marginalização (BRASIL, 2004).

Assim sendo, apresentamos os três princípios que devem orientar o Estado, as instituições escolares, professores e toda sociedade na definição dos conteúdos. São eles:



Figura 02: Princípios da Resolução nº 01/2004

Fonte: Autoria própria, baseado na Resolução 01/2004 (BRASIL, 2004)

Um dos conteúdos para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana está relacionado à função social dada aos(as) griôs africanos(as) e aos(as) anciãos(ãs) afro-brasileiros(as) na guarda e manutenção da memória histórica e modo de vida das populações (BRASIL, 2004).



Figura 03: Contando história africana
Fonte: Acervo pessoal

O papel dos(as) griôs é o que mais se aproxima da prática pedagógica com crianças, visto que ao brincar com a palavra, temos a possibilidade de:

- Enaltecer elementos históricos;
- Aguçar a reflexão sobre os aspectos culturais distorcidos e silenciados pelo racismo;
- Contribuir para a construção ou reconstrução da individualidade humana.

A resignificação do currículo para a educação de crianças negras não se dá somente por obrigatoriedade e aplicabilidade de Lei. É mais ampla e precisa exercitar as possibilidades de se reconhecer e reconhecer o outro, tendo a escola como ambiente crítico na perspectiva da interculturalidade.



Figura 04: Criança se encanta com o mapa
Fonte: Acervo pessoal



Fonte: kone kassoum.
<https://pixabay.com/pt/fotos/crian%C3%A7a-menina-mi%C3%BAo-cara-retrato-1797637/>

3

Conhecendo os(as) griôs

3 Conhecendo os(as) griôs

A história do continente africano é uma história viva! Vários(as) escritores(as) relatam a existência de pessoas responsáveis em transmitir ensinamentos e acontecimentos históricos que ocorriam antes do contato com outros continentes.

Na língua bambara são chamados **Doma** ou **Soma**, os conhecedores dos ofícios (ferreiros, tecelões, etc.). No Mali são **Komo, Kore, Nama, Do, Diarrawara, Nya, Nyaworole** etc. que detêm o conhecimento histórico e científico de seu povo tendo a responsabilidade de repassá-lo a seus iniciantes. Todos esses povos são originários da região do Sahel, área do deserto do Saara, “habitada pelos povos soninkês, mandingas, fulas, bambaras, dogon, mossi, hauçás, sossos e muitos outros que são identificados pelo termo genérico sudaneses” (MACEDO, 2013, p. 46).



Figura 04: Região do Sahel

Fonte: Apollo Energy. <http://apolloenergy.com.br/sol-intenso-na-regiao-do-sahel-pode-ser-fonte-de-energia-para-70-do-mundo/>

Segundo Bâ (2010), há também aqueles(as) que transmitem a palavra de forma lúdica e romântica, adaptando as verdades ditas pelos tradicionalistas com intuito de entreter e ensinar. São os Dieles (Djeliw) ou Woloso, que, na língua malinqué, é a forma simplificada do provérbio *I Dya Alulai* (Faça tudo para sempre unir ou Sangue), depois generalizados pelo termo francês **griot/griotte** e aportuguesado para **griô**.



Figura 05: Griô Lansiné Kouyaté tocando seu balafon

Fonte: <http://musicali.over-blog.com/article-lansine-kouiate-joueur-de-balafon-dans-la-tradition-des-griots-110730013.html>

Estes termos foram forjados pelo colonialismo europeu no continente africano para significar criado ou escravo. Contudo, passou por reformulações em seu sentido e em sua grafia. Assim sendo, os termos em malinqué: **Djeli** (homem oralista), **Djelimuso** (mulher oralista) ou **Djeliw** (plural nos dois gêneros), foram generalizados para os termos franceses **griot** (para homens) e **griotte** (para mulheres).

Já a grafia **griô**, além de ser forjada em língua portuguesa, se refere tanto para o masculino quanto para o feminino nas literaturas de referência: **o griô, a griô, a oralidade griô**. Isto não quer dizer que devemos generalizar as culturas e tradições africanas difundidas pelos(as) oralistas, mas ressignificar um termo, dialogando com a diáspora e seus sentidos.

As griôs são iniciadas exclusivamente pelas mães e participam de sociedades secretas. Sua prática se diferencia dos homens por priorizar o canto. No domínio dos cânticos de louvor, impostam um tom agudo e alongado às melodias.



Figura 06: Fanta Damba, uma griô malinqué
Fonte: Fanta Damba – Bambougoudji. <https://youtu.br/yhUpAmwQgQ>

A mulher, nestas sociedades orais, é valorizada quase como uma divindade pois a ela é determinada a escolha da vida.

Há um ditado malinqué que diz:
“Tudo que somos e tudo que temos devemos uma vez ao nosso pai, mas duas vezes à nossa mãe”.



Os(As) griôs são especialistas, estudiosos(as) das variadas ciências, artes e até do modo de vida, religiosidade e da política local e exterior. Utilizam elementos do teatro, da música e da história, por exemplo, para narrar um acontecimento.

Sempre antes de iniciar, enaltecem quem os(as) antecederam. Contudo, é preciso evidenciar que, por conta de sua característica lúdica, o(a) griô é capaz de transvestir e enfeitar uma realidade, ou seja, os fatos contados ou cantados por um(a) griô nem sempre são reproduções do original.

Apesar disso, tem a obrigação de manter os elementos essenciais do enredo para que não se percam no contexto e do propósito educativo.

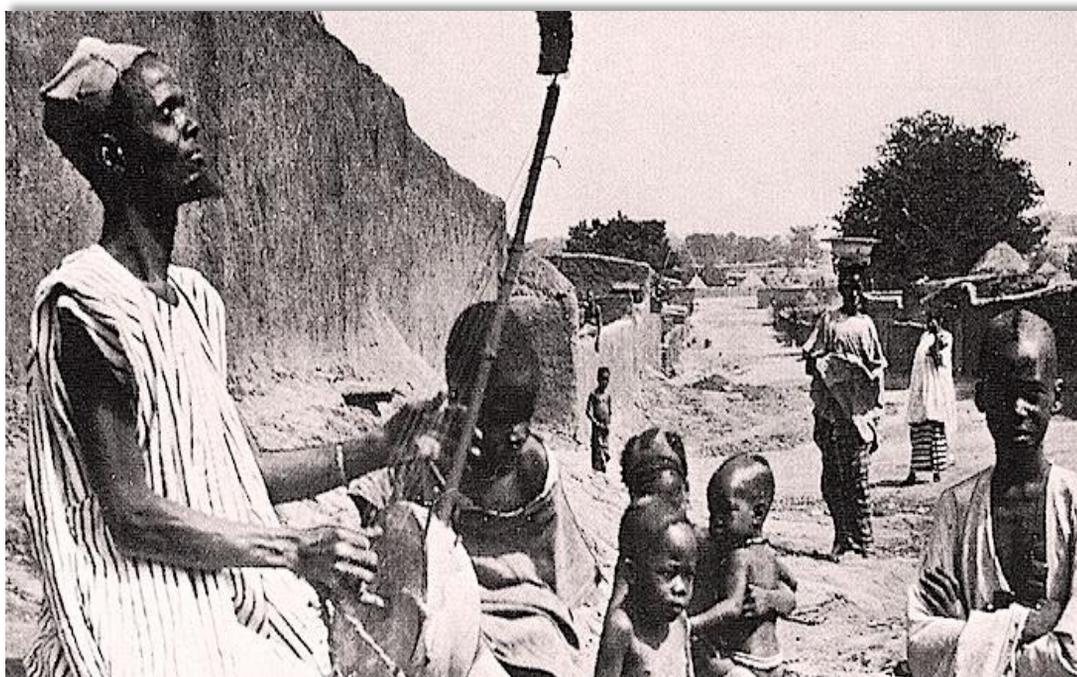


Figura 07: Griô no Mali contando e cantando histórias para crianças
Fonte: BÂ, Amadou Hampaté (2010)



Você já conseguiu visualizar
quais características griôs
são próximas à educação de
crianças?

Os(As) griôs, numa perspectiva intercultural, possuem papel essencial no processo de resistência dos povos africanos, preservando a memória coletiva e utilizando a palavra como instrumento de transformação social e troca de conhecimentos específicos.



Figura 08: Criança brincando com o tambor enquanto aquece
Fonte: Ingrid Barros. <https://www.sobretatame.com/moquibom-forca-e-resistencia-quilombola-no-maranhao/>



Figura 09: Criança e o Candomblé
Fonte: Roger Cipó. <https://ceert.org.br/noticias/liberdade-de-crenca/14196/infancia-entre-divindades-as-criancas-no-xire-do-candomble>

Estes ensinamentos foram trazidos e mantidos pelos(as) anciãos(ãs) das comunidades quilombolas e nas religiões de matriz africana que vivem e dialogam com as novas gerações sobre seu modo de vida, religiosidade, ciência e natureza.



Fonte: <https://www.shutterstock.com/pt/image-photo/happy-kids-elementary-school-764801665>

4

Sequências didáticas

4 Sequências didáticas

As sequências didáticas, enquanto conjunto de atividades organizadas que facilitam nossa prática cotidiana em sala de aula, também podem ser elaboradas numa visão interdisciplinar e intercultural, ou seja, no diálogo entre as diversas áreas a fim de construir o conhecimento coletivo sobre determinado assunto.

Muitos(as) professores(as) ainda têm dúvidas sobre como planejar aulas que promovam a Educação para as Relações Étnico Raciais não só pelo distanciamento dos conteúdos, mas pela dificuldade em relacioná-los com os componentes curriculares.

Desta forma, elaboramos um quadro orientativo para elaboração de sequências didáticas envolvendo a oralidade griô. Vejamos:

| | |
|---|--|
| Como definir do objeto de conhecimento? | <ul style="list-style-type: none">- Refletir e tomar consciência acerca da necessidade do Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;- Levantar e analisar o acervo de materiais didáticos na escola que tratam da temática étnico racial;- Pesquisar personagens e eventos importantes da história africana e afro-brasileira que podem servir de referência;-Relacionar as necessidades de aprendizagem dentro da perspectiva da Educação para as Relações Étnico-Raciais e o que orienta a BNCC para a definição dos objetos de conhecimento para cada etapa de aprendizagem. |
| Como escolhemos as habilidades? | <ul style="list-style-type: none">- Analisar as habilidades da Base Nacional Comum Curricular para a etapa de aprendizagem numa perspectiva interdisciplinar;- Analisar os princípios que norteiam a definição de conteúdos pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana;- Relacionar as necessidades de aprendizagem dentro da perspectiva da Educação das Relações Étnico-Raciais e o que orienta a BNCC para as habilidades em cada etapa de aprendizagem. |
| Como definimos os procedimentos? | <ul style="list-style-type: none">-Após a escolha do material base (livro, filme, canção, jogo, conto popular, etc), realizar estudo contextual, ou seja, local, modo de vida, elementos culturais e religiosos, vocabulário, artes, etc que possam agregar conhecimentos ao objeto definido;- Escolher elementos socioculturais que possam ser vivenciados e construídos por esta etapa de aprendizagem de forma coletiva;- Definir a oralidade griô como método integrador da construção do conhecimento (linguagem e formas de arte). |
| Como socializamos o conhecimento construído? | <ul style="list-style-type: none">- A própria oralidade e outras linguagens para a exposição e/ou reconto do vivido (escrita, música, dança, teatro, escultura, desenho, etc). |



Este quadro nos diz que:

O primeiro passo para inserir conteúdos sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Africana nos Anos Iniciais é a tomada de consciência. Somente quando você se reconhecer enquanto professor(a) negro(a) ou não e que atua na formação de crianças em sua maioria negra numa sociedade racista, você irá perceber o quão é importante se ver nos materiais didáticos, nos murais da escola e na própria história da sociedade brasileira e mundial.

Após esta tomada de consciência, chega a hora de investigar, analisar o que temos e o que necessitamos. A análise dos materiais didáticos disponibilizados na escola, juntamente a um subsídio teórico nos propicia a criação e adaptação ao currículo escolar.

Conforme orienta a Base Nacional Comum Curricular, o objeto de conhecimento deve ser definido a partir da diversidade de habilidades que: “expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos alunos nos diferentes contextos escolares” (BRASIL, 2017, p. 29).

Enfatizamos que as habilidades e objetos de conhecimento descritos na BNCC não devem ser tomados como elementos estanques, visto que este documento é configurado enquanto orientativo e deverá ser adaptado de acordo com o contexto educacional empregado.

A base legal da educação brasileira, após séculos de lutas e reivindicações, já abarca muito do que necessitamos para uma sociedade equânime. Contudo, ainda há um longo caminho a percorrer para que esta equidade seja vivenciada. Enquanto gestor(a) de sua sala de aula, você poderá fazer a transposição da teoria para a prática a partir da formação e pesquisa permanente de sua própria ação pedagógica.

Atualmente, encontramos muitas experiências escolares que já envolvem os conteúdos em cumprimento da Lei nº 10.639/2003. Ainda assim, percebemos a necessidade de contribuir com esta prática, principalmente sobre o trabalho com contextos africanos e sua relação com a afro-brasilidade.

Desta forma, trazemos a seguir, três sequências didáticas elaboradas a partir da oralidade griô.

4.1 A princesa - Um conto Ashanti

Turmas: 1º e 2º anos do 1º Ciclo do Ensino Fundamental

Tempo: 3 momentos

Áreas: Arte, Língua Portuguesa, Ensino Religioso e História

| Objetos de conhecimento | Habilidades BNCC |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas• Produção de texto oral• Contextos e práticas das artes visuais | <ul style="list-style-type: none">• (EF02ER01) Reconhecer os diferentes espaços de convivência;• (EF02HI03) Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória;• (EF02LP15) Cantar cantigas e canções, obedecendo ao ritmo e à melodia;• (EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. |
| Procedimentos | |
| <ul style="list-style-type: none">• Diálogo inicial sobre pertencimento fazendo uso do mapa;• Contação da história “O casamento da princesa” de Celso Sisto (uso de canções, adereços e outros elementos lúdicos), diálogo sobre o enredo e seu contexto;• Diálogo sobre a filosofia Adinkra com apresentação de imagens e confecção de carimbos Adinkra em E.V.A.;• Socialização dos trabalhos na escola por meio de exposição e reconto da história. | |
| Recursos | |
| <ul style="list-style-type: none">• Tapete mapa mundi;• Livro paradidático “O casamento da princesa” de Celso Sisto;• Instrumentos musicais, adereços, tecidos referentes à cultura da personagem contada;• E.V.A para confecção de carimbos, tecidos variados e tinta guache;• Papel sulfite, lápis de cor, barbante, furador de papel | |

Esta sequência didática foi elaborada para as etapas do 1º ciclo do Ensino Fundamental (1º e 2º anos). As habilidades foram definidas a partir da BNCC para as áreas de Arte, Língua Portuguesa, Ensino Religioso e História. Contudo, por se tratar de uma sugestão didática, podemos inserir outras áreas e outras habilidades, de acordo com a etapa a ser trabalhada.

O que vamos contar?

A sequência didática gira em torno de uma lenda Ashanti. Quando descobrimos o livro “O casamento da princesa”, fomos em busca do contexto por traz do enredo e descobrimos que se tratava de um antigo conto Ashanti. Uma história repassada oralmente ao longo dos tempos e que foi registrada em livro pelo escritor brasileiro Celso Sisto.

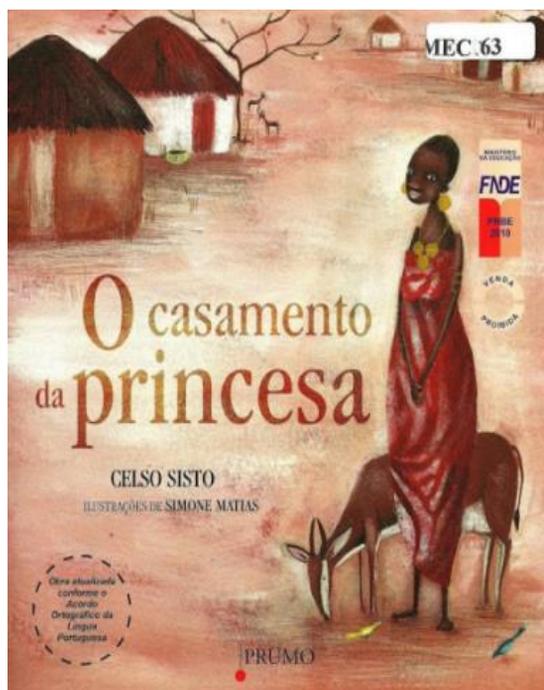


Figura 10: Capa do livro “O casamento da princesa”, de Celso Sisto
Fonte: <https://www.livrariascuritiba.com.br/casamento-da-princesa-o-prumo-lv249585/p>

O conto traz a história da princesa Abena que viu seu amor ser disputado em uma corrida entre os príncipes Fogo e Chuva. Apesar da disputa criada pelo rei, seu pai, a princesa já havia decidido com quem casaria independente do resultado (SISTO, 2009).

E o interessante é que a história aborda diversas temáticas: posição da mulher na sociedade, o conhecimento sobre princesas africanas, a relação do ser humano com a natureza, além da cultura, linguagem e estética de um povo específico!



Qual é o contexto da história?

De acordo com Campos (2019) e Ogot (2010), o Império Ashanti, um dos mais influentes da África Ocidental entre os séculos XVI e XIX, possuía organização militar. Homens e mulheres compunham a cultura de guarda e preservação de seu território. Esta característica explica o costume dos cabelos curtos nas mulheres afim de facilitar sua preparação para as batalhas.

Aliás, a presença feminina na organização do império Ashanti foi marcante e sua astúcia pode ser evidenciada também neste conto quando a personagem transgride a determinação patriarcal em relação ao casamento. Na história dos Ashanti, as mulheres também possuíram papel de destaque até a queda do Império e colonização pelos britânicos.

A rainha Yaa Assentewa foi a última a chefiar o exército e o povo Ashanti. Após longas batalhas, os homens já haviam desistido e se rendido. Foi então que a Rainha Mãe, como era conhecida, convocou as mulheres para lutar até o fim.

A seguir, a estátua da Rainha Yaa Assentewa com seu aparato bélico. O monumento está localizado em Gana. Ao lado, a fotografia de uma mulher ganense com seus cabelos curtos e sua tradicional vestimenta feita de tecidos amarrados ao corpo, chamada de *kente*.



Figura 11: Estátua da rainha Yaa Assentewa
Fonte: <http://www.africaimagelibrary.com/media>



Figura 12: Mulher ganense vestindo Kente
Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/>

Outra característica importante deste império era a sua organização econômica que girava em torno da metalurgia. Há registros de trabalhos metalúrgicos para confecção de armas e joias datados de 2000 a.C.

O povo Ashanti, assim como diversos povos da região, compunham a grande sociedade dos Akan. Eles transcreviam, através de símbolos, a filosofia Adinkra. Os símbolos são carimbados em tecidos ou nas portas das casas no intuito de ensinar, agradecer e desejar, sobretudo, a unidade de seus povos.

Vamos conhecer dois símbolos Adinkra:



Figura 13: símbolo *Sankofa* que significa “aprenda com o passado”.

Fonte:

<https://africadoladodeka.files.wordpress.com/2014/05/sankofa.png>



Figura 14: símbolo *Dwennimmen* que significa “força e humildade”.

Fonte:

<https://africadoladodeka.wordpress.com/2014/05/29/adinkras/>

Atualmente, parte do império Ashanti compreende a República de Gana, de língua inglesa mas que ainda preserva suas línguas e dialetos originais, como o yorubá.

Podemos encontrar a cultura e religiosidade Ashanti no candomblé brasileiro, como na Casa Fanti-Ashanti, fundada em 1954 por Pai Euclides Talabyian.



Figura 15: Pai Euclides, fundador da Casa Fanti-Ashanti em São Luís/MA

Fonte: Márcio Vasconcelos. <https://www.geledes.org.br/morre-aos-78-anos-pai-euclides-fundador-da-casa-fanti-ashanti/>

4.2 De onde vim, Abayomi?

Turma: 1º ano 1º Ciclo do Ensino Fundamental

Tempo: 7 momentos

Áreas: Arte, Língua Portuguesa, História, Ensino Religioso

Objetos de conhecimento

- Protocolos de leitura;
- Construção do sistema alfabético e da ortografia;
- Formas de composição de narrativas;
- Contextos e práticas do teatro;
- Patrimônio cultural;
- A vida em casa, a vida na escola e formas de representação social e espacial: os jogos e brincadeiras como forma de interação social e espacial;
- O eu, o outro e o nós.

Habilidades BNCC

- EF01LP01: expressar-se em situações de intercâmbio oral com autoconfiança para explorar informações, esclarecer dúvidas, trocar ideias, propor, criar ou engajar-se em jogo ou brincadeira.
- EF01LP07: ler palavra e pequenos textos apoiando-se em pista gráfica e semânticas.
- EF01LP16: escrever, espontaneamente ou por ditado, palavras e frases de forma alfabética.
- EF01LP28: comparar palavras identificando semelhanças e diferença entre sons de sílabas iniciais, mediais e finais.
- EF15AR18: reconhecer e apreciar formas distintas de manifestação do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver a ouvir história dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar o repertório ficcional;
- EF15AR25: conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial de culturas diversas, incluindo-se as matrizes indígenas, africana e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório, relativos as diferentes linguagens artísticas.
- EF01HI05: identificar semelhanças e diferenças entre jogos e brincadeiras atuais e de outras épocas e lugares
- EF01ER01: identificar e acolher as semelhanças e diferenças entre o eu, o outro e o nós

Procedimentos

- Roda de conversa sobre o continente africano (Contextualizando);
- Apresentação do mapa mundi destacando o continente Africano;
- Contação da história “De onde vim, Abayomi?” utilizando a oralidade griô;
- Reconto da história a partir de desenhos, falas e escritas;
- Exposição dos desenhos (varal)
- Construção de um glossário alfabetizador com palavras de origem africana;
- Desenvolvimento de atividades orais e escritas utilizando o vocabulário africano para apropriação da leitura e escrita.
- Montagem do quebra-cabeças do mapa mundi;
- Confecção das bonecas abayomi e criação de personagens;
- Apresentação teatral com as bonecas Abayomi em novas histórias criadas pelas crianças;
- Exposição das atividades desenvolvidas para toda a escola.

Turma: 1º ano 1º Ciclo do Ensino Fundamental

Tempo: 7 momentos

Áreas: Arte, Língua Portuguesa, História, Ensino Religioso

Recursos

- Tapete-mapa mundi
- Instrumentos musicais (originais ou de sucata)
- Tecidos coloridos
- Papel de diferentes tipos
- Lápis e canetinhas de colorir
- Globo terrestre
- Tinta guache
- Pincel
- Glossário alfabetizador

Esta sequência didática foi elaborada para o 1º ano do Ensino Fundamental. Observe que os objetos de conhecimento abordam diversas habilidades das áreas de Arte, Língua Portuguesa, História e Ensino Religioso.

De acordo com Duarte (1993), Gontijo (2015) e Mainardes (2011), a perspectiva de letramento no ciclo inicial do Ensino Fundamental envolve a escuta da individualidade de cada criança e de seu contexto histórico-cultural. A criança faz parte da realidade concreta e com ela deve interagir, construir, desconstruir e se construir face aos diversos instrumentos sociais disponíveis a ela por meio da comunicação.

Quando concebemos a criança numa perspectiva histórico-social, significa que ela é capaz de produzir história e adquirir acúmulo histórico de seu entorno, contribuindo com a própria sociedade a que faz parte.

Desta forma, esta sequência didática trabalha a constituição da identidade psicossocial da criança, questionando sua identidade afrodescendente.

Por isso perguntamos: De onde vim, Abayomi?

O que vamos contar?

Um encontro preciso! Precisamos promover um encontro entre a criança negra e sua ancestralidade africana. Mesmo que não saibamos especificamente de qual região ou etnia viemos, precisamos nos reconhecer no continente africano e seus diversos povos. E este personagem fictício promove isso.



Figura 16: Boneca Abayomi
Fonte: Autoria própria



Abayomi é uma palavra em yorubá e significa “encontro precioso”.

As histórias contadas sobre a boneca Abayomi trazem enredos voltados para o contexto africano em tempos passados, mas ela não é tão antiga assim. A boneca Abayomi foi criada na década de 1980 pela artesã maranhense Lena Martins. Ela criou esta boneca de retalhos e sem costura, baseando-se nas bonecas de pano feitas por sua mãe. Despretensiosamente, a bonequinha ganhou o mundo e hoje é um grande símbolo da identidade negra (SILVA, 2009).

Quanto às histórias, essas ficam à cargo dos contadores e das contadoras. São diversas versões que variam de acordo com o(a) oralista e o contexto em que se encontra.

Uma das versões fala de uma princesa da África do Sul chamada Abayomi que salva seu povo do cativeiro após uma batalha entre nações. A princesa faz bonecos de pano e os coloca no lugar das pessoas fazendo com que seus inimigos acreditem que houve magia.

Outra versão, fala da travessia das crianças no navio negreiro da África para as Américas. Uma travessia sofrida, somente acalentada quando uma mulher começa a rasgar suas vestes e transformar em bonecas para que as crianças se reencontrem e não se esqueçam que são crianças e não escravas.

As duas versões são interessantes e podem ser trabalhadas em sala de aula. Você também pode criar um novo enredo para atender às necessidades de aprendizagem, contemplando a Educação para as Relações Étnico-Raciais.

As bonecas abayomi são confeccionadas de forma bem simples:

- tenha retalhos de tecido de algodão de diversas cores cortados em tiras de 30 e de 20 cm;
- dobre a tira maior ao meio e dê um nó em cima e nas pontas;
- com a tira menor, amarre ao meio da anterior e também faça nós nas pontas;
- com um retalho em formato quadrado, faça uma pequena abertura ao meio para fazer a roupinha ou use sua criatividade em outros modelos;
- enfeite com adereços e pronto, é só brincar!

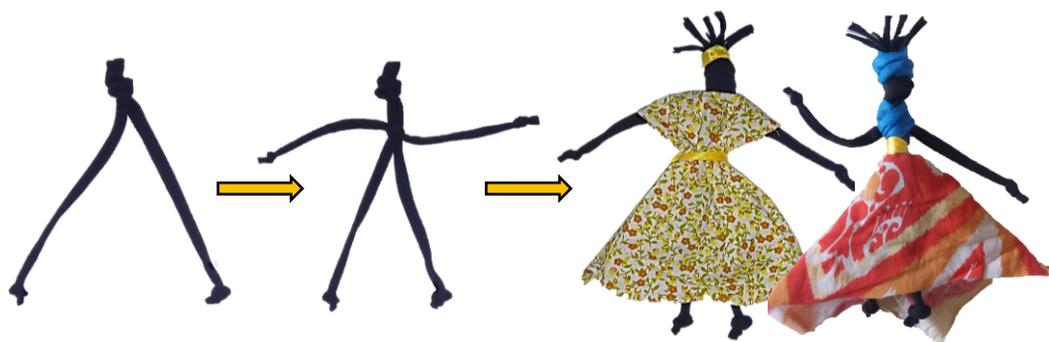


Figura 17: Passos da confecção de bonecas Abayomi
Fonte: Autoria própria

A Abayomi não possui rosto para simbolizar todos os povos africanos. Você pode contar a história fazendo a boneca e dando um significado para cada um dos seis nós (amor, resistência, felicidade, etc).



Qual é o contexto da história?

Como dissemos, Abayomi é uma palavra em yorubá, uma das milhares de línguas faladas no continente africano. Aliás, você sabia que o continente africano possui mais de duas mil línguas e mais de oito mil dialetos ainda falados?

As línguas do continente africano representam 30% dos idiomas falados em todo mundo. O yorubá faz parte do tronco das línguas Nigero-Congolesas, localizadas nas regiões da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim.

Vejamos o mapa das línguas no continente africano:

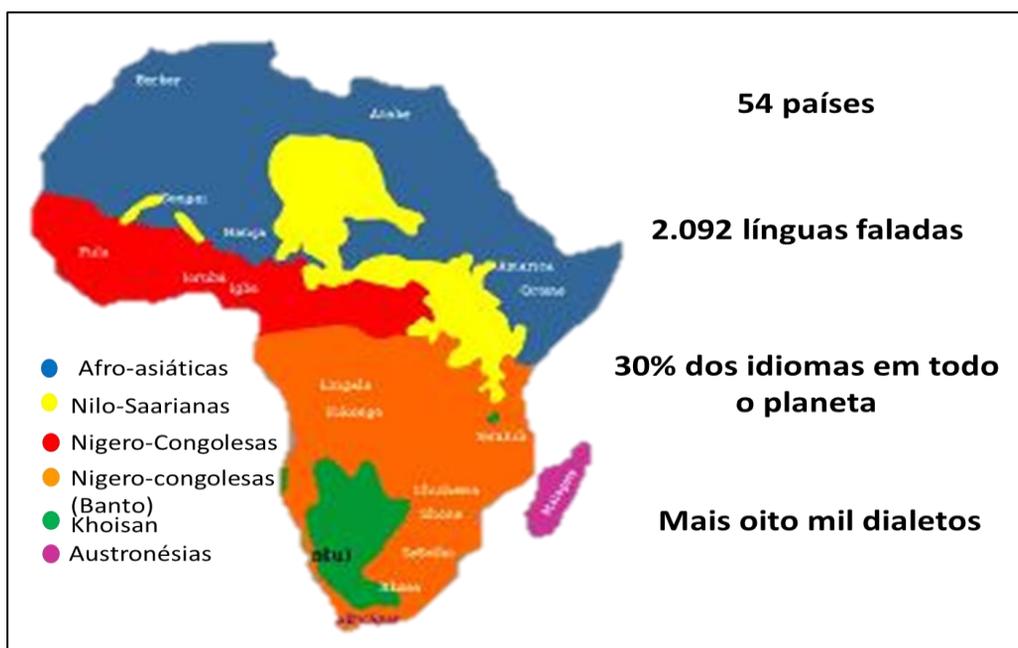


Figura 18: Mapa das línguas africanas

Fonte: <https://www.geledes.org.br/diversidade-linguistica-africana/>

O processo de sequestro, expropriação e escravização dos povos africanos não apagou o sentido de pertencimento que chegou ao Brasil. O pertencimento de que falamos é físico e também subjetivo, ou seja, a manutenção ou adaptação da língua, costumes e sua própria reorganização baseada na ancestralidade foram responsáveis para que nós nos reconhecêssemos enquanto afrodescendentes para além do reconhecimento da nossa terra de origem.

Um desses elementos reconstruídos no Brasil e que tem no yorubá muito de sua reorganização é a religiosidade de matriz africana.

Você já ouviu falar nos orixás?

São as entidades cultuadas no Candomblé. Os povos africanos possuem forte ligação com a natureza, tendo-a como sagrada. Os elementos naturais, por sua vez, foram personificados para o culto. A água, a terra, a mata, os raios, se tornam guerreiros, reis, rainhas, mães e pais das cabeças humanas. Eles e elas trazem consigo, ferramentas de proteção e guarda, além de cores e adereços que exibem suas características.

A seguir, a representação de duas yabás (orixás femininos):



Figura 19: Representação das yabás Oxum e Yemanjá, de Carybé, no livro "A Iconografia dos Deuses Africanos no Candomblé da Bahia (1980)

Fonte: <http://cultura-afro-artesvisuais.blogspot.com/2013/07/iconografia-dos-orixas-uma-visao-de.html>



Conheça um trecho da canção para Iemanjá que fala da realeza, resistência e amor para com os filhos:

*"É nijé nilé lodo
Iemanjá ô
Acota pe le de
Iyá orô miô"*

4.3 Lila e o segredo da chuva - Conto sobre o Quênia

Turma: 2º ano 1º Ciclo do Ensino Fundamental

Tempo: 7 momentos

Áreas: Arte, Língua Portuguesa, Geografia, História e Ensino Religioso

| Objetos de conhecimento | Habilidades BNCC |
|---|---|
| <ul style="list-style-type: none">• Formas de composição de narrativas;• Materialidades das artes visuais;• Contexto e práticas da música e Processos de criação;• Patrimônio cultural;• Experiências da comunidade no tempo e no espaço;• A noção do “Eu” e do “Outro”: comunidade, convivências e interações entre pessoas;• Memórias e símbolos. | <p>(EF02LP28) Reconhecer o conflito gerador de uma narrativa ficcional e sua resolução, além de palavras, expressões e frases que caracterizam personagens e ambientes;</p> <p>(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais;</p> <p>(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana;</p> <p>(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativa;</p> <p>(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas;</p> <p>(EF02GE04) Reconhecer semelhanças e diferenças nos hábitos, nas relações com a natureza e no modo de viver de pessoas em diferentes lugares;</p> <p>(EF02HI08) Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes;</p> <p>(EF02HI03) Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória;</p> <p>(EF02HI01) Reconhecer espaços de sociabilidade e identificar os motivos que aproximam e separam as pessoas em diferentes grupos sociais ou de parentesco;</p> <p>(EF02ER01) Reconhecer os diferentes espaços de convivência;</p> <p>(EF02ER02) Identificar costumes, crenças e formas diversas de viver em variados ambientes de convivência;</p> <p>(EF02ER03) Identificar as diferentes formas de registro das memórias pessoais, familiares e escolares (fotos, músicas, narrativas, álbuns...).</p> |

Turma: 2º ano 1º Ciclo do Ensino Fundamental

Tempo: 7 momentos

Áreas: Arte, Língua Portuguesa, História, Ensino Religioso

Procedimentos

- Aproximação do contexto com uma brincadeira do Quênia: *Nyama*;
- Diálogo sobre a brincadeira e de onde ela veio (uso do mapa mundi);
- Diálogo sobre a cultura, história e geografia queniana com uso de imagens;
- Contação da história “Lila e o segredo da chuva” de David Conway, usando a oralidade griô;
- Musicalização com canção em swahili (língua falada no Quênia): *jambo bwana*;
- Atividades coletivas: reescrita da história; leitura, tradução e interpretação da canção;
- Diálogo sobre a família de Lila e a importância dos avós para continuação da história familiar;
- Narrativa da infância de outros tempos: convidar um idoso para narrar brincadeiras e modo de vida de sua infância abrindo espaço para o diálogo com as crianças;
- Confecção da boneca Lila com sucata;
- Socialização do conhecimento construído a partir da dramatização da história, coral em swahili e exposição dos trabalhos desenvolvidos

Recursos

- livro Lila e o segredo da chuva, de David Conway;
- mapa mundi ou globo terrestre;
- Tecidos e bijuterias coloridos para elaborar vestimentas e adereços;
- Papel de diferentes tipos;
- Lápis e canetinhas de colorir
- Tinta guache
- Materiais sustentáveis para confecção da boneca
- Tv, computador e caixa de som

A sequência pensada para o 2º ano do Ensino Fundamental foi construída com o objetivo de apresentar uma cultura diferente, fazendo com que as crianças analisem e valorizem a diversidade de costumes, modos de vida e ambiente.

Ao reconhecer o diferente, propomos que as crianças identifiquem as semelhanças entre as culturas, principalmente em relação aos princípios da convivência humana como o respeito à palavra dos mais velhos e a necessidade da memória coletiva para a construção de sua individualidade.

O que vamos contar?

“Lila e o segredo da chuva” é um livro de David Conway. Não se trata de uma lenda local, mas um conto criado pelo autor baseando-se em elementos da cultura queniana.

A história a ser contada representa um fato do cotidiano do Quênia: o período da seca na região das savanas. Sem chuva não há alimento. O enredo traz um importante elemento cultural e religioso: a íntima relação de respeito e adoração à natureza quando Lila conversa com o céu pedindo chuva. Este pedido só é possível porque Lila tem em seu avô, um grande sábio (CONWAY, 2010).

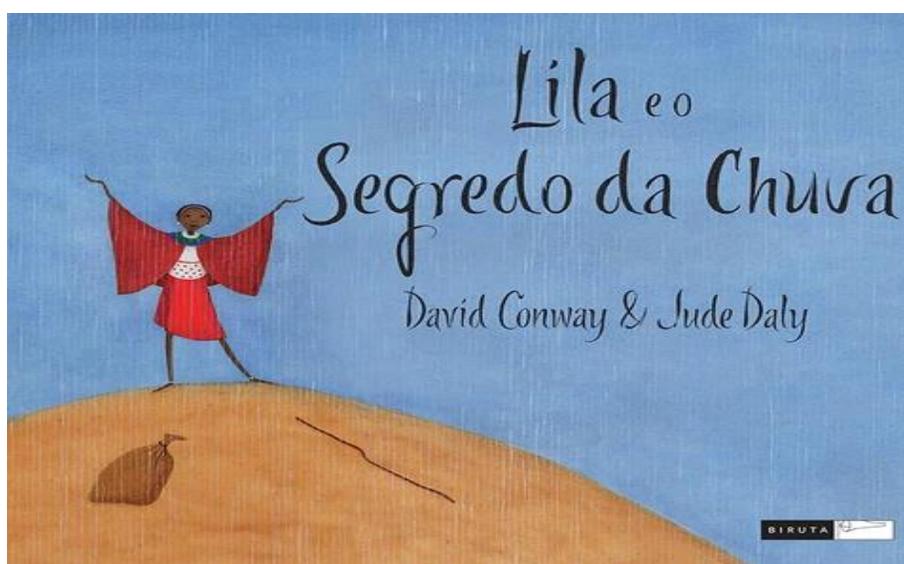


Figura 20: Capa do livro “Lila e segredo da chuva” de David Conway
Fonte: <https://www.editorabiruta.com.br/products/lila-e-o-segredo-da-chuva>

É interessante refletir que a história não apresenta um povo sofrido pela seca, mas um povo que se relaciona com sua história e a natureza em sua volta. A mídia nos apresenta uma África sofrida, seca, com fome e sede. Mas não é esse o sentido que devemos abordar nesta história. Tanto é que, quando Lila pensa em coisas tristes para contar ao céu, ela narra acontecimentos do cotidiano como o machucado do irmão, por exemplo.

A história deve ser contada enaltecendo as características culturais e seu modo de vida, além de enfatizar o respeito para com o conhecimento preservado e repassado pelos idosos.

Qual é o contexto da história?

O Quênia fica localizado no leste do continente africano. Um país com muitas culturas e vários idiomas milenares. Um desses idiomas é o swahili.

Em swahili, os quenianos recebem seus visitantes saltando e cantando a tradicional música *jambo bwana!*

Fizemos uma adaptação à letra:



Figura 21: Homem queniano saltando para cumprimentar

Fonte: <https://www.gettyimages.pt>

| Jambo bwana | Olá senhor |
|-----------------------|-----------------------|
| Jambo, jambo bwana | Olá, olá senhor |
| Hagari gani? | Como vai? Tudo bem |
| Mzuri sana | Estrangeiros sejam |
| Wgene wakaribhwa | bem-vindos |
| Quênia, hakuna matata | No Quênia, todos os |
| | problemas se resolvem |

Os(As) quenianos(as) são conhecidos(as) pela riqueza de suas vestimentas. Muitas etnias usam tecidos nas cores vermelha, roxa e azul. São as cores da terra. Além disso, a terra é sagrada para eles(as) que a preservam e respeitam os outros seres vivos que necessitam dela. Dizem que estamos apenas como cuidadores da terra.

A etnia Massai é bem conhecida pela sua elegância devido sua altura e postura corporal, cabelos curtos bem penteados e as roupas de cores fortes.



Figura 22: Vestimenta popular das mulheres no Quênia

Fonte:

<http://allthesanityinme.blogspot.com/2014/12/so-im-going-to-kenya.html?pref=pi>

Os Massai vivem nas savanas, uma região quente e árida muito parecida com o nordeste brasileiro. A chuva lá é escassa. Há um longo período de seca, por isso eles se locomovem pelo território em busca de lugares mais frescos. Como eles se alimentam somente do que produzem (carne, leite e hortaliças), as crianças fazem desta rotina, sua brincadeira.

Um exemplo é a brincadeira Nyama!, Nyama! (que significa: carne) para ensinar de forma divertida o que devem comer (BARBOSA, 2019).



O moderador da brincadeira deverá falar nomes de alimentos variados. Quando citar alimentos com carne vermelha, todos deverão pular e gritar: “nyama!”



Figura 23: Crianças brincando de Nyama!, Nyama! em São Luís/MA
Fonte: Autoria própria



Nossa!
Deve ser por isso que os quenianos são sempre vitoriosos na corrida de São Silvestre.



Figura 24: Quenianos vencedores da corrida de São Silvestre em 2019
Fonte: <https://www.gazetadopovo.com.br/>



Demos muitos passos até aqui!
Eu e o Madiba esperamos que este material tenha contribuído com sua prática pedagógica para cumprimento da Lei 10.639/2003.



Isso mesmo, Dandara!
Acesse agora o DVD deste Kit Pedagógico e conheça algumas histórias contadas a partir da oralidade griô.



Link para acesso ao DVD:

https://drive.google.com/file/d/1_toVwapNqJl84oj8V4F71R_1OVxRaicW/view?usp=sharing

O que não posso esquecer:

Referências

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África**. São Paulo/SP: Ática/UNESCO, 2010. pp.181-218. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190249>. Acesso em: 20 jun 2019.

BARBOSA, Rogério Andrade. **Kakopi, Kakopi!** Brincando e jogando com as crianças de vinte países africanos. São Paulo/SP: Melhoramentos, 2019.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** [online]. Brasília/DF: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: www.basenacionalcomumcurricular.mec.gov.br. Acesso em: 05 set 2018.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno: Brasília/DF, 2004.

BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília/DF: Presidência da República, 2003.

CAMPOS, Luanda Martins. Griot em sala de aula: oralidade e formação identitária a partir da África descrita em contos disponibilizados nas bibliotecas escolares da rede municipal de educação. In: SILVA, Carlos Benedito Rodrigues da; DURANS, Claudimar Alves; Rodrigues, Fernanda Lopes; et al (org.). **Política de igualdade racial: desafios e práticas no ambiente escolar**. São Luís/MA: EDUFMA, 2019.

CANDAUI, Vera Maria. (Org.). **Reinventar a escola**. 4ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2000.

CONWAY, David. **Lila e o segredo da chuva**. São Paulo/SP: Biruta, 2010.

DUARTE, Newton. **A individualidade para - si**: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. Coleção educação contemporânea. Campinas/SP: Autores Associados, 1993.

GONTIJO, Cláudia Maria Mendes. Base Nacional Comum Curricular (Bncc): Comentários Críticos. **Revista Brasileira de Alfabetização – ABAIf**. Vitória/ES. Vol. 1 n. 2, p. 174-190, jul./dez, 2015. Disponível em: <http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf/article/view/68/51>. Acesso em: 20 jun 2019.



LIMA, Heloísa Pires; HERMANDEZ, Leila Leite. **Toques do griô**. Ilustrações de Ka-neaki Tada. São Paulo: Melhoramentos, 2010. Disponível em: <http://lelivros.love/book/baixar-livro-toques-do-grio-memorias-sobre-contadores-de-historias-africanas-heloisa-pires-lima-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 30 mai 2019.

MACEDO, José Rivair. **História da África**. São Paulo, Editora Contexto, 2014.

MAINARDES, Jefferson. A organização da escolaridade em ciclos e as políticas de currículo. **Revista e-curriculum**. V.7, n.1, abril, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/5644/3988>. Acesso em: 14 mai 2019.

MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OGOT, Bethwell Allan. **História geral da África V**. África do século XVI ao XVIII. Brasília/DF: UNESCO. 2010. Disponível: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000190253>. Acesso em: 13 mar 2018.

SILVA, Sonia Maria da. Experiência abayomi: coletivos, ancestrais, femininos, artesanando empoderamentos. V **ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, Salvador/BA: Faculdade de Comunicação/UFBA, 27 a 29 de maio de 2009. Disponível em: Acesso em: 10 jan 2020.

SISTO, Celso. **O casamento da princesa**. São Paulo/SP: Saraiva, 2009

SOUZA, Rafael Morais de. **Na teia de Ananse**: um griot no teatro e sua trama de narrativas de matriz africana. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas). Salvador/BA: Universidade Federal da Bahia; Escola de Teatro, 2011

A autora:

Luanda Martins Campos é Pedagoga. Professora dos Anos Iniciais. Mestranda em Gestão da Educação Básica - UFMA. Especialista em Política de igualdade no ambiente escolar - UFMA. Especialista em Psicologia da Aprendizagem - UEMA. Especialista em Docência Superior - Uniasselvi. Especialista em Gestão e Supervisão Escolar - Santa Fé.

Integrante do Grupo de Estudo, Pesquisa e Investigações Afro-brasileiras (GIPEAB-UFMA) e do Grupo de Pesquisa em Educação a Distância e Tecnologias Digitais (GPEaD-UFMA).

Contadora de histórias. Militante do Movimento de Hip Hop Quilombo Urbano e do Núcleo de Mulheres Preta Anastácia.

E-mail: lua.lumartins@gmail.com



O orientador:



Antonio de Assis Cruz Nunes é Doutor em Educação pela Unesp/Marília-SP. Especialista em Planejamento Educacional pela Universidade Salgado de Oliveira (RJ). Especialista em Avaliação à Distância pela Universidade de Brasília. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Maranhão. Atualmente é Professor Adjunto I da Universidade Federal do Maranhão, na qual leciona Metodologia da Pesquisa Educacional e Pesquisa Educacional. É graduado em Pedagogia pela UFMA. É membro da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). É sócio da Associação Nacional de Pesquisadores em Educação (ANPED). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisa Investigações Pedagógicas Afrobrasileiras (GIPEAB) do Departamento de Educação I (UFMA). É Consultor Ad hoc da FAPEMA. É Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Gestão de Ensino da Educação Básica (PPGEEB) da UFMA. Tem várias publicações em anais de congressos sobre estudos étnico-raciais, especialmente cotas para negros. Foi co-fundador do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola. Desenvolve estudos na área de relações étnicas e raciais e metodologia de pesquisa educacional.

E-mail: antonio.assis@ufma.br